

Vozes de Páscoa

irmão Luc

Para a Charlotte e o Martin

«Cristo ressuscitou!»: este anúncio é a essência da mensagem dos cristãos.

Os relatos da Páscoa contam-nos que os que estavam mais empenhados em seguir Jesus descobrem que Ele está presente para além da morte e que lhes confia uma responsabilidade urgente.

Estes ecos dispersos de algumas testemunhas da paixão e da ressurreição convidam-nos a deixar que esta história venha ao encontro da nossa e lhe dê sentido.

«Loucura para o espírito», a ressurreição proclama que é Deus que faz caminho no nosso mundo. Ele permite-nos conhecê-Lo através de uma comunhão com Ele. Eu só posso acreditar Nele. E acreditar Nele mantém-me vivo.

Simão, o leproso

Naquele dia ia morrendo de indignação: uma desconhecida irromper pela minha casa adentro, a meio de uma refeição com convidados, passava completamente das marcas! Ainda por cima, aquela louca derreteu em apenas alguns instantes o salário de um ano inteiro! Em vez de o desperdiçar, bem podia ter-nos oferecido aquele perfume e tê-lo-íamos guardado para um dia de necessidade.

A raiva escondia o nosso orgulho e a nossa cegueira. Não conseguíamos tirar todo aquele dinheiro dissipado da cabeça. Estávamos sempre a calcular a nossa salvação e temíamos ser acusados de má gestão. Ajudar os pobres não é uma boa acção que será tida em conta no dia do julgamento final? A liberdade daquela mulher surpreendeu-nos e despertou em nós a inquietação.

No fundo, o que nós desejávamos não era precisamente viver de forma tão intensa como aquela mulher e ter a mesma coragem? Mas ficávamos preocupados connosco mesmos, com demasiado medo de nos perdermos.

Ela mostrava-nos Jesus e nós só víamos os cacos do frasco! Por causa Dele, ela desafiou as regras sociais para proclamar: «um instante da tua vida vale mais que este perfume. Recebi muito mais de Ti. Fizeste-me redescobrir que, mais do que uma luta, a vida é um dom. Agora posso ser eu a dar, nada pode impedir-me.»

Jesus ia amar e dar-Se sem medida. Nessa altura, quantos não se sentiram escandalizados?

Se Jesus suscitou uma tal audácia naquela mulher, também pode motivar uma resolução semelhante em cada um de nós. Se quiserdes ser libertados do medo e da raiva para poder amar como ela, olhai para Ele e segui-O. Vai ser desconcertante e chocante. Mas Ele vai abrir um caminho para vós...

Judas

Está feito. Disse ao comandante da guarda do Templo onde iríamos passar a noite. A detenção poderá fazer-se discretamente. Aproxima-se a hora da verdade! Jesus vai ser obrigado a revelar-Se. Desta vez, não vai poder adiar fazê-lo.

É preciso que seja reconhecido, desde logo pelos responsáveis do povo. Deve assumir as suas responsabilidades. É urgente: há tanta gente cansada de esperar sem que nada aconteça! O nome de Deus é deturpado, explorado por gente sem escrúpulos que procura enriquecer e manter o seu poder.

Não é suposto que o Messias nos liberte, restaure a dignidade da nossa nação, a santidade do nosso culto e instaure o seu Reino? Que importância tem esta manobra já que o objectivo é louvável? Fazer o que fiz vai abreviar muitos sofrimentos e acelerar a salvação. Não quero perder este dia!

É certo que há já algum tempo que cresceu uma dúvida em mim: Jesus teve pensamentos sombrios. E esta noite, quando Se pôs a lavar-nos os pés como um servo, percebi que não era possível esperar mais. Temo que Se vá abaixo e Se afunde. Ele não podia desistir da luta já tão perto do fim. Será que tem medo? Terá medo de provocar uma revolta e vítimas?

Já não parece o Mestre que ensinava com autoridade e entusiasmava multidões. Se continuar a rebaixar-Se desta forma, como pode esperar ser reconhecido? Não foi para vir dar comigo neste impasse que larguei tudo.

Se Ele desistir, trai a nossa causa. Se não disser nada, passa a ser cúmplice da mentira e da injustiça. Se Jesus é o Messias, deve manifestar-Se abertamente e todos O aclamarão. Se não passar de um impostor, deverá assumir o fracasso do seu plano e a decepção de todos os que enganou. Devemos ter o coração puro. Não vou mais longe sem certezas claras.

Tiago

Eu estava lá quando O prenderam. Apareceu um grupo de gente armada durante a noite, com soldados do Sumo-Sacerdote, como se fossem apanhar um bandido perigoso. Se ao menos Ele tivesse resistido, nós teríamos reagido... Mas Ele foi ao encontro deles e entregou-Se. Quando vimos que deixava que O levassem ficámos completamente baralhados. Fugimos. Como é que Ele decidiu que estava na hora? Onde é que foi buscar a sua determinação ?

Tínhamos celebrado a Páscoa juntos. Ele tinha-nos falado da sua morte que se aproximava, da traição e nós fazíamos-nos de surdos. Depois dos salmos saímos. Ele queria continuar a rezar e nós estávamos a cair de sono.

Tínhamos encontrado no jardim das Oliveiras um refúgio longe das multidões e das intrigas. Ultimamente a tensão tinha aumentado ainda mais, Ele era procurado. Alguns tentaram dissuadi-Lo de fazer a peregrinação. Mas nós não queríamos arriscar-nos a perder a sua revelação como Messias. Assim, seguimo-Lo mais uma vez.

Foi nessa altura que Ele foi invadido pela angústia. Sabia que a ameaça se aproximava, ao passo que nós estávamos ainda longe de nos apercebermos. Plenamente consciente, antecipava a privação e a exclusão que O esperavam.

Ao longo da sua vida, Ele combateu o sofrimento com firmeza. Denunciava o fatalismo e a resignação e relembra que Deus não criou o mal e não deseja o sofrimento de ninguém. Em vez de se esquivar ou de se proteger, Ele consolou, curou, ajudou os que encontrava. Pouco importava se era Sabat ou se se tratava de uma cilada! Aquele que lhe pedia ajuda era mais importante que a sua reputação ou a sua própria segurança...

Ele, sempre tão seguro, de repente revelou-Se-nos vulnerável e indefeso, como se já não conseguisse ver o caminho. Ele tinha sempre passado longas horas mergulhado em Deus, numa escuta íntima para ir ao encontro da vontade do Pai e reconhecer o caminho. Será que Ele ia desistir, convencido de que já não havia mais direcções a tomar? Ainda podia evitar o confronto, deixar Jerusalém e fugir para o deserto. Bastava esperar que as coisas acalmassem antes de inverter a situação em seu favor... Mas Ele tinha sempre denunciado as vozes que nos mantêm prisioneiros dos medos. Salvando-Se, teria ficado só e ter-Se-ia negado a Si mesmo.

Ele repousou no olhar e na espera em Deus. Sabia que era a alegria, a felicidade do Pai que tudo Lhe confiava. Em resposta, Entregava-Se inteiramente.

Elaborámos inúmeros planos, mas o insucesso era insuportável. Teríamos preferido ficar com a imagem do mestre inabalável e de um Messias à medida das nossas expectativas. Já O estávamos a abandonar, mas ele olhava por nós. Por três vezes encontrou-nos a dormir. Foi a nossa fraqueza que O levou a decidir-Se. Para nos libertar da nossa cegueira e do medo que nos paralisava, mostrou que nada O podia impedir de Se dar.

No fim, foi Ele que nos encorajou e nos encaminhou. Sabíamos que eram os seus últimos momentos connosco. Ele deixava-Se prender para nos enviar pelo mundo.

José de Arimateia

Fui chamado de urgência na noite em que Jesus foi posto perante o conselho supremo do nosso povo. O processo improvisava-se numa grande agitação. As contradições entre as testemunhas tornavam a acusação ridícula. A inocência de Jesus era cada vez mais evidente.

Ele não tinha tido medo de denunciar o negócio organizado no Templo e a exploração dos fiéis por uma elite dominante que protegia os seus privilégios. Alguns temiam a concorrência, outros estavam cegos de inveja. A sua determinação e a sua independência eram inquietantes. Não havia o risco de Ele inflamar o povo e o conduzir a uma revolta? Uma situação assim saldar-se-ia em repressão e deitaria a perder longos anos de uma delicada gestão da questão. Devemos proteger o povo da sua ignorância e das suas paixões. Oficialmente, o conselho supremo pretendia apenas servir o bem comum. Mas nós sabíamos que a decisão de O eliminar já estava tomada. Os nossos chefes procuravam apenas legitimar a sua sentença. Sob o pretexto de proteger a religião de um usurpador, estavam dispostos a sacrificar a verdade e a Lei. Se eles temessem de facto a Deus, não teriam feito tal coisa. A condenação viciada de um inocente punha os erros dos seus acusadores em evidência!

Perante a desordem e a crescente tensão, Jesus mantinha-se senhor de Si. O seu silêncio descreditou completamente os sumo-sacerdotes. Nós estávamos paralisados pelo medo e enleados no nosso calculismo, só Ele era verdadeiramente livre.

Longe de procurar acalmar os ânimos, o Sumo-sacerdote deitou mais achas para a fogueira para armar uma cilada a Jesus. Pensava que Ele ia perder a sua confiança e abandonar o jogo. Se assim fosse teria decepcionado os seus seguidores e tê-Lo-íamos neutralizado evitando um escândalo... Provocou-O ostensivamente. Foi então que Jesus nos surpreendeu: não só abriu o jogo, como aumentou a parada

assumindo-se «Filho do Homem, que está sentado com Deus e vem com as nuvens do céu» para inaugurar o Reino de Deus.

Inconsciência ou fuga para a frente? Nunca se tinha visto uma audácia assim. Jesus colocava a fasquia mais alto do que se poderia imaginar. A questão revelava que o que estava em jogo era algo mais profundo: tratava-se da esperança que fazia viver o nosso povo há gerações!

Cada um era livre de julgar. Sem calculismos nem ambição pessoal, Ele era o único em quem se podia confiar. Mas como segui-Lo? Nada a não ser obstáculos a ultrapassar para acreditar na sua palavra! Se não acreditar Nele, é apenas um vencido pretensioso. Mas se O levar a sério, como é paradoxal o caminho da salvação que se prefigura...

O Sumo-Sacerdote estava escandalizado. Para ele, o Messias não podia revelar-se a não ser como um glorioso vencedor. Um prisioneiro solitário, impotente e silencioso só podia ser um impostor perigoso ou um irresponsável que enganava o povo. Mantinha a sua principal acusação: a ofensa contra Deus. Bastava para garantir os votos dos indecisos. Quem não reconhecesse a blasfémia não passava a ser também um traidor? O Sumo-sacerdote fez-nos a todos testemunhas. A sua pergunta implicava-nos mais do que gostaríamos: «De que messias estou à espera? Como é que ele deve cumprir a sua missão ao serviço de Deus e dos homens?» A cobardia paralisava o nosso discernimento. Só Jesus nos iluminava, o seu olhar compassivo libertava-nos da nossa cumplicidade e interpelava o mais íntimo de nós mesmos.

Ele não procurou argumentar para se defender e convencer. Ofereceu a sua paz até ao fim. O seu julgamento estava agora em curso. Ele não condena as pessoas, mas liberta-as da mentira. Mas como pode Deus revelar-se através da vítima inocente que ninguém reconhece?

Pilatos

Segundo a nossa lei, Ele não merece a morte. Não cometeu nenhum crime. Não sinto ódio por Ele, o que sinto é piedade. Que desperdício! Vai morrer por uma disputa de ideias, por causa da inveja de uns fanáticos. Que importa se Lhe agrada a ideia de ser rei de um outro mundo! Desde que não tenha exércitos não é perigoso, mas as pessoas são tão susceptíveis quando se trata da sua religião. Querem proteger o seu Templo. É uma questão que não entra na lógica da concorrência. Não valia a pena fazer uma tempestade num copo de água. Mas Roma quer a paz e eu devo velar por ela: acima de tudo é preciso que não haja agitação!

Eu estava disposto a libertar aquele místico. Se ao menos Ele me tivesse ajudado um bocadinho! Mas manteve-Se sempre demasiado orgulhoso perante aqueles lobos enraivecidos. Devia ter denunciado o mito construído à sua volta, um encolher de ombros teria bastado. Toda a gente teria percebido que era uma história pela qual não valia a pena incomodar-me. Mas Ele fez o contrário, levava tudo a sério, não queria abrir mão da fé que um punhado de exaltados tinha depositado Nele e radicalizava-a.

Os sumo-sacerdotes serão menos altivos quando o povo compreender que eles tremeram diante de um pobre Galileu indefeso. Que hipócritas! Sempre tão preocupados com a pureza e a santidade, não hesitaram em eliminar aquele homem incómodo! Não me deixo levar pelas manobras deles, mas o representante do império mais poderoso do mundo também não se pode deixar impressionar pela sorte de um profeta de província e arriscar-se a ser denunciado junto de César.

Mais vale dar um sinal de firmeza e relembrar o que acontece a quem semeia a confusão e põe em causa a nossa autoridade. Não há nada melhor que um bom exemplo para acalmar os ânimos. Com este método

conseguimos dominar os bárbaros em todo o lado. Pacificamos e edificamos um mundo fundado sobre um medo bem alimentado.

Simão de Cirene

Primeiro quis desviar-me. Os gritos, a multidão, os soldados não auguravam nada de bom... O que é que se teria passado? Foi então que O reconheci, no centro da confusão, miserável e digno. Fui requisitado por um soldado. Dei por mim a seu lado. Levei o madeiro no qual Ele morreu.

O pesado tronco esmagava-me o ombro e, no meio da confusão, o meu braço segurava-o com dificuldade. O caminho era a subir e eu concentrava-me para não tropeçar. Como é que Ele tinha chegado ali? Ainda há apenas alguns dias Ele tinha entrado em Jerusalém por entre aclamações. Certamente havia algum interesse em calá-Lo. Mas um mestre religioso não é um agitador político nem um cabecilha!

Para justificar a sentença, era preciso fazer do condenado um inimigo perigoso e um traidor desprezível. As injúrias e os golpes choviam sobre Ele. As pessoas comportavam-se como cães esfaimados. Só Ele conservava a humanidade.

Subia, caía, continuava sem protestar, sem cólera, sem pânico. Era Ele que me encorajava.

O malfeitor crucificado

Ninguém terá boas recordações de mim. Pelo contrário, todos se alegram com o meu desaparecimento. O meu companheiro de desgraça, condenado comigo, debate-se como um animal preso numa armadilha. Vomita o seu ódio contra o mundo inteiro. Faz pouco do Nazareno. Mas o cinismo mal esconde o seu desespero. Já que atropelámos todos os direitos, não será da nossa inteira responsabilidade estarmos onde estamos?

Quisemos fazer-nos senhores da nossa existência, sem lei nem Deus em quem confiar e a quem prestar contas. Achávamo-nos intocáveis e todo-poderosos, mas só destruímos. Acreditámos que o ódio seria a nossa força. Ele só nos isolou ainda mais. O mal apoderou-se de nós. Perdemos e a nossa morte é infame. Sabíamos os riscos que corríamos, temos agora a punição que já pairava sobre nós...

Para nos aproximarmos dos outros e viver como seres humanos devíamos ter seguido pelo caminho da paciência e da doçura tal como Jesus. Ele consola os seus companheiros e intercede pelos seus inimigos. De onde Lhe vem esta força?

Finalmente alguém que não tem medo de mim e que não se alegra com a minha morte! Ele abre a prisão do ódio onde eu me tinha perdido. Compreende a minha súplica e deixa-Se tocar pela minha angústia. Para Ele valho alguma coisa, já não estou só. Assegura-me que o meu fim não é o castigo de Deus pelas minhas faltas.

Está esgotado e mesmo assim é mais forte que a violência dos seus carrascos! Vou olhar para Ele até ao fim. Ele dá-me paz. Posso pedir-Lhe tudo, confiar-Lhe tudo. Mesmo a morte, acolhe-a como um dom de Deus, Deus também não ma vai negar. Será o caminho para me reencontrar com Ele em breve no seu Reino.

O discípulo que Jesus amava

Aos pés da cruz estamos aqui para Ele. Na nossa imensa angústia, renunciando ao mal e, por isso, impotentes, já somos livres.

Aquela que O trouxe ao mundo acompanha-O até ao fim. Libertação do esforço de toda uma existência, fiel consentimento em dar cada instante da vida do seu filho para O deixar cumprir uma missão que ultrapassava todas as aspirações.

Ela nunca deixou o seu coração afastar Dele o olhar. Mantém-se de pé, numa aquiescência que nunca reclamou tréguas. É o seu filho que a acolhe na verdadeira paz e numa proximidade mais forte que a mais forte ligação de sangue.

Ela é a sua discípula mais fiel. Foi a primeira a escutá-Lo e a segui-Lo. O seu caminho não foi mais que o aprofundar do seu sim inicial. Calou-se para só O ouvir a Ele, para ficar repleta do seu dom e da sua espera. Tornou-se novamente sua mãe ao fazer a vontade Dele.

Manter-se fiel a Jesus é cumprir a sua palavra. No momento em que O perdemos, Ele leva-nos a amar como Ele nos amou.

Maria

Acabou tudo num instante. Ele bebeu um pouco de vinagre. Ei-Lo agora no fim, vai finalmente ser libertado. Como poderia eu detê-Lo? Chegou a sua hora. Podia eu imaginá-Lo assim? Mas não é Ele que me mostra o caminho? Oferece-Se sem olhar para trás, de modo decidido, ao passo que ninguém adivinha o que está em causa.

Pode uma mãe abandonar o seu filho? Não posso estar senão aqui, com Ele. Nada nem ninguém me poderia impedir de o fazer. Guardo tudo no meu coração e há-de chegar o dia em que contarei o que se passou. É Ele que me sustém e me conduz para além do que eu teria alguma vez ousado desejar. Não Se fechou nem Se desencorajou. Não olha sequer para o mal que parece invadir tudo. Nem as provocações, nem os abandonos o impediram de ir até ao fim, por Deus e por nós. Com Ele, ficamos totalmente indefesos, mas sem medo e sem ódio. Podemos testemunhar que Ele deu tudo.

Ele foi-me confiado desde o primeiro dia. Haveria outra forma de Lho dizer que não fosse colocá-lo nas mãos de Deus em cada dia? Uma mãe sabe que ama antes de ver. É aí que se tece a existência. Não é possível controlar a vida, só se pode dá-la e cada nascimento é um salto no desconhecido rumo à alegria de uma nova presença no mundo. Aos pés da cruz, ainda sem o saber, uma mãe pode acreditar que esta paixão é uma outra passagem.

Ele retira a velha roupagem de que a mentira revestiu a morte para persuadir o homem a encontrar nela a causa da sua desgraça, o preço a pagar pelas suas faltas. Esta caricatura era o ponto fulcral da chantagem que procurava fazer-nos desistir: de que serve viver já que tudo está condenado ao vazio? Ele revela a face original da humanidade que Deus esperou desde o primeiro dia: um encontro, um outro entregando-se total e livremente.

Será possível que uma mãe seja gerada pelo seu próprio filho? Hoje é Ele que me leva mais longe no caminho da vida. Convida-me a ser outra vez mãe. A cruz não silenciou o canto que o dom de Deus fez brotar pois Ele foi fiel até ao fim. A realização do dom alimenta o mesmo canto que recebê-lo.

O Senhor é magnífico.

O centurião

Eu comandava a escolta que tinha por missão executar a sentença do governador. Tinha de prestar contas da morte dos condenados. Acompanhei tudo e estava lá quando o Nazareno expirou.

Saí das fileiras do melhor exército. Aprendi o ofício em campanhas militares, na defesa das fronteiras, na repressão e na manutenção da ordem... Cruzei-me muitas vezes com a loucura selvagem. É para a controlar que estamos aqui. Para garantir a segurança perante todo o tipo de violência é preciso ser forte. Se não estivermos seguros de nós mesmos e da missão, não conseguimos reagir quando é preciso agir.

Ao longo da minha carreira, tive de treinar ou de me confrontar com os homens. Para descobrir o que mantém alguém de pé, é preciso escutá-lo na véspera da batalha: por quem chama? Aqueles que não têm nada a perder podem desmoronar-se com a mesma rapidez com que se inflamam.

Haverá velada de armas mais dolorosa que os últimos momentos de um condenado antes do suplício? Em tais circunstâncias fica toda a gente em pé de igualdade. Não há momento de verdade mais eficaz. Alguns amaldiçoam o pai e a mãe, outros perdem-se em delírio. Um criminoso fica cheio de revolta ou de medo, face escondida da violência que cometeu.

Conduzi bastantes condenados, mas este surpreendeu-me. Franzino asceta, flagelado e mortificado, de onde Lhe vem a força? Quando estamos treinados e bem equipados é natural que se cerrem fileiras e se continue a combater, mas Ele estava nu, só e o desfecho fatal estava determinado à partida. Não se sofre assim apenas por ideias!

Quem compreendeu o que se estava a passar? Vieram como quem vai ver gladiadores provocar as feras. Alguns esperavam um milagre ou a vinda de um profeta para O libertar. Estão todos prontos a aplaudir o vencedor. Sonham com um Deus triunfante, que provoca admiração. Mas hoje as trevas cobriram tudo, Deus não ofereceu resistência, não Se impôs.

Não ganharam para o susto e partiram suspirando de alívio por escaparem a um destino assim. Se soubessem que há inocentes entre os condenados e que é para controlar melhor o povo que o poder castiga os audazes!

Que lição! Ele sofreu tudo, mostrou até onde pode levar o mal. A fazer com que deixemos de acreditar na humanidade. Mas Ele estava lá, o único a não desistir. Não ligava ao seu sofrimento, não amaldiçoou ninguém. Pensávamos que estava sob a nossa alçada, mas Ele é que esteve sempre a velar e a rezar por cada um de nós... Ninguém será apanhado pela sua vingança, mas sê-lo-emos todos pelo seu perdão.

Onde é que já se ouviu falar de um Homem que Se sacrifica pelos seus perseguidores e salva os seus inimigos da violência? Se este crucificado foi bom até ao fim para os seus perseguidores e para os seus carrascos, para quem é que poderia ter sido mau?

Como pode fazer este caminho? Como podia ainda esperar neles? São coisas que ultrapassam as forças humanas. Só Deus pode suportar os malvados desta forma e desejar a vida para todos.

As mulheres no túmulo

Era preciso concluir as cerimónias fúnebres de Jesus. O grande Sabat tinha-nos interrompido. Tínhamos preparado óleos e perfumes para partirmos logo ao romper da aurora. As imagens da paixão e os gritos de ódio ainda reverberavam em nós. Tristeza, ira, desordem ou estupefacção iam sobressaindo à vez.

Ele não nos encorajou pacientemente a acreditar que era Ele o Messias que Deus tinha prometido para inaugurar o seu Reino de paz e iluminar todos os povos? Os sinais que Ele tinha realizado não cumpriram as profecias antigas? Mas eles não acreditaram, mantiveram-se firmes no orgulho e na cegueira. Gozaram com ele e perseguiram-No. Preferiram a mentira e a violência para se fazerem senhores do mundo. Irá o mal

ganhar e manter os homens seus reféns? Será que a nossa esperança morreu? Deus foi derrotado? Porque é que Ele não resistiu? Porquê este silêncio?

Interrogações como estas sucediam-se ininterruptamente. E apesar disso todos estes enigmas não estavam sequer à altura do que se tinha passado. Era algo grande demais para ser apenas um equívoco ou uma conjugação de cobardia, inveja e fanatismo. Esta insistência em atacar o inocente que Se consagrou a Deus e aos outros não ultrapassa a razão?

Foi quando o túmulo Dele parecia levar-nos à infelicidade que Deus nos surpreendeu! Ficámos cheias de medo! Atrás da pesada pedra que tinha selado a nossa separação e fechado Jesus na escuridão, no silêncio e na ruína esperava-nos o seu mensageiro. Deus não tinha rejeitado o cadáver de um crucificado, não tinha vergonha de estar ali! Foi então que nos revelou o que a razão não conseguia sequer conceber:

«Não vos deixais tomar pelo medo. Eu não estou zangado, não critico nada, não acuso. Mataram o meu Filho, mas Eu não Me vou vingar, não quero castigar ninguém, Eu não conheço a violência. O mal afirma ter triunfado, mas já não tem poder sobre vós. Não temais.

Não viestes apenas por dever para concluir os ritos e voltar para casa, reencontrar as vossas recordações e pôr o luto. Procurais Aquele que deu a vida na cruz. Apesar do enorme sofrimento, das contradições e da inquietação, não podeis esquecer-Lo porque não deixastes de O amar.

Ele era mais que tudo para vós, ficastes até ao fim, trouxeste-Lo para esta sepultura. Podeis testemunhar que nada O fez desviar-Se do seu caminho. Não Se protegeu, não fugiu ao confronto com o mal, mas deu a sua vida até ao fim, nem a morte O pode impedir. Ele é o amor que é mais forte que a morte. Quereis conhecê-Lo para viver Dele. É Ele que procurais.

Ressuscitou, não dorme. Reduzido ao silêncio, Ele não foi destruído, vive. A morte não pode impedi-Lo de amar. A morte não O engoliu, foi Ele que a transformou em vida.

Fiquei calado até agora, mas neste momento já posso anunciar: Ele cumpriu a sua missão, não estou triste, não tenho pena Dele, estou orgulhoso e agradecido e convido-vos a que vos alegreis comigo. É Ele que completa a minha esperança desde a criação. Ele é o primeiro a responder inteiramente às minhas expectativas. Se os homens, na sua liberdade, foram capazes de me pôr de lado, Ele prova que o homem também é capaz de amar sem limites.

Ele não acusou nenhum deles. Não rejeitou nenhum. Não deixou que o medo ou o desencorajamento os separassem Dele, levou-os consigo, não deixou de acreditar neles. Sozinho na cruz, Ele próprio intercedeu por eles. Nunca ninguém Me pediu tanto: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem».

Nunca ninguém se Me confiou tanto. Desmesuradamente fiel, Ele perscrutou-Me com uma profundidade sem precedentes. Não Lhe pus entraves, não O impedi de amar a este ponto. Na cruz, deixei-Me despir, não pelos homens mal-intencionados, mas pelo amor de Jesus. Ele desfez-Se de tudo livremente. Só, de mãos nuas no madeiro, libertou a morte da máscara que fazia dela um castigo, um inimigo temível. Acolheu-a como possibilidade de tudo esperar e de tudo oferecer.

Aceitei tudo, não recusei nada, nem a entrega do seu corpo, nem o seu sangue derramado, acolhi-os como oferta preciosa. Quando os homens Me puseram de lado, quando as trevas cobriram a terra, só Ele ficou de coração aberto, foi Nele que pude repousar toda a noite. Ele foi a minha consolação. Nunca quis outra morada para além do sim livre de um coração humano. Foi Ele que Me ofereceu. Demonstrou que o ser humano, mesmo o mais rebaixado, mesmo às portas da morte, pode ser a minha morada. A minha presença

no mundo depende da bondade humana. Ele acolheu-Me inteiramente em Si, agora sou Eu que O acolho no céu.

Deixai os vossos óleos e o que preparastes. Ainda que não vos seja possível compreender o sucedido, aceitastes o amor Dele. A morte não vos pode tirar nada, encontrá-Lo-eis se O procurardes. Ele vai à vossa frente, não deixa de esperar por vós onde dois ou três se reunirem em seu nome e pelos caminhos da Galileia, entre aqueles que pedem apenas um copo de água fresca.

Se Ele deu a sua vida pelos homens, podeis amá-los. Se eles eram de tal forma preciosos para Ele que não quis perder nenhum, também podeis servi-los. É a vossa vez de viver a entrega de vós mesmas, no espírito de Jesus, no meio dos que não O conhecem... Se acolherdes os seus irmãos mais pequeninos, vivereis com Ele e Ele fará do vosso coração a sua morada».

Tomé

Aquele que os meus companheiros afirmavam estar vivo era mesmo o Crucificado? Os seus relatos suscitavam em mim apenas o receio da ilusão.

Bem vi que Jesus caminhava para a morte. Os dados foram lançados no momento em que decidi subir a Jerusalém.

Homens mal-intencionados e estúpidos armaram-Lhe uma cilada, como poderiam merecer a salvação? Recusava-me a abafar este escândalo e não queria ouvir mais nada.

Ele abriu um caminho por entre as minhas recusas e foi ao meu encontro no meu isolamento. A presença Daquela que deu tudo é o dom que nos abre ao outro e à vida.

Pelas suas chagas que me fizeram fugir cheio de medo, pelo seu corpo mortificado entregue até à morte, Ele interpelou-me mais intensamente do que qualquer discurso teria feito: «Não permitas que o sofrimento e a tristeza te invadam. Eu não estou livre e vivo depois da provação? Não sejas um obstáculo à vida. Sê, comigo, servidor do dom de Deus!»

Vivo mesmo na morte, Tu és Senhor da vida e da morte. Presente para além da morte, tu és a origem da vida.

A tua paz oferecida até na cruz desfez as minhas revoltas e livra-me de todos os pesadelos. A tua presença atenciosa afugentou o meu sofrimento, a tua humildade lavou a minha vergonha. O teu perdão dado a todos mantém o meu coração aberto. A tua vida para Deus até ao fim abriu para mim um caminho através da maior solidão.

Nada do que posso compreender poderá alguma vez preencher-me... Já não quero tocar-Te, já não quero compreender-Te, deixa que eu repouse em Ti dia após dia.

Simão, filho de João

Quando Me apareceste pobre, sem voz, sem descanso, cheio de sede, sem Te protegeres, mas continuando a dar-Te e esperando tudo de mim, interrompeste os meus pensamentos e livraste-me de um peso enorme.

Porque vives sem outra garantia, apenas amando para viver, acordas o meu coração da sua ausência. Liberta-lo do labirinto das inquietações, afasta-lo da vergonha e da timidez.

Acreditaste antes de mim que eu podia amar-Te, mais que tudo e para sempre. A tua espera fiel é promessa de um dom que pode crescer. A tua confiança nestas coisas revela constantemente uma eternidade muito próxima. A gratidão de poder finalmente dizer-To.

O meu coração estava aterrado perante tantas vozes sérias. Sem poder dizer-se, ter-se-ia perdido... Pedindo-me que Te acolhesse, permitiste que me apoiasse em Ti.

Durante muito tempo fiquei preso a esta fatalidade: «Não posso amar». Não era senão o reverso do convite esquecido que me fizeste: «Aceitas deixar-te amar?»

Tu não sabes qual será a minha resposta que não controlas, mas deseja-la mais que tudo. Nada a pode determinar, mas nada pode impedir-me de Ta dar. É aí que Tu desejas morar.

Ensinaste-me a dar o que não tinha, através da minha descrença e no meio da minha solidão.

Um habitante de Jerusalém

Como todos os anos, as ruas fervilhavam de peregrinos que tinham vindo para a festa. Tinham-se posto a caminho a partir de todos os pontos do país e da diáspora para celebrar a Aliança de Deus com o seu povo.

A condenação do Nazareno que tinha marcado a última Páscoa parecia esquecida. Inicialmente Ele tinha suscitado uma grande esperança, mas a sua última subida a Jerusalém fora-Lhe fatal: tinha caído numa cilada.

O incidente rebentou no grande dia. Um ruído forte chamou a atenção das pessoas. Reconhecemos os Galileus. Teriam abusado do vinho? Saíam do seu esconderijo sem medo e confraternizavam com todos. Que surpresa ao descobrir os discípulos de Jesus, que pensávamos estar perdidos, livres e alegres: não pediam nada nem denunciavam ninguém, na boca traziam apenas cânticos de gratidão e de paz!

Foi então que Simão, o pescador de Cafarnaum, tomou a palavra com segurança:

«A sabedoria, a força, a vontade de Deus em homens pobres como nós é o Espírito Santo que nos é comunicado para viver no perdão e partilhar o que recebemos! Deus foi fiel à sua promessa. Os nossos profetas tinham anunciado o que hoje se cumpriu. Vós mesmos sois testemunhas: o Senhor envia o seu Espírito. A comunhão com Deus é dada sem reservas, tal como a viveu o próprio Jesus. Porque Aquele que condenaram como usurpador perigoso, revelou-O Deus como seu servidor e seu Filho muito amado. Acolheu-O junto a Si.

Nós também não tínhamos compreendido. Mas Jesus vive. Eu, que O neguei por medo e vergonha, reencontrei-O. Foi Ele, o Crucificado, que me libertou do desespero que me devorava.

Deixai as preocupações de lado e voltai-vos para Ele, tornai-vos, vós também, morada do Espírito Santo.»